

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO

Samuel Augusto Alves Corrêa

Nem bem regressara de uma pequena propriedade situada nos arredores de Brasília - a Chácara Coxipó, assim denominada em recordações dos dias felizes e despreocupados de minha infância passados no aprazível recanto cuiabano - quando recebi telefonema de meu primo e amigo LUIZ ALVES CORRÊA, transmitindo-me o gentil e honroso convite da Fundação Cultural de Mato Grosso para escrever sobre a atuação cultural de meu pai, VIRGÍLIO CORRÊA FILHO, em benefício de seu Estado natal.

Mesmo julgando que o tema proposto poderia ser desenvolvido com maiores credenciais por expoentes da cultura mato-grossense da atualidade, aceitei a desvanecedora convocação que me ensejaria prestar tributo de amor e admiração filial, ainda que modesto e insulso.

À guisa de moldura para o quadro que comecei a delinear, passei a registrar recordações esparsas, que constituem marcos sugestivos de sua vida exemplar.

Assim, o nascimento em Cuiabá a 09 de janeiro de 1887; a infância vivida em meio de carinhos, peraltagens e despreocupação; a adolescência marcada pelos estudos e as folganças na fazenda; a vida acadêmica no Rio de Janeiro na primeira década do século atual, que o habilitou para as lides profissionais como engenheiro e o dotou de cultura humanista invulgar, adquirida em regime austero de leituras selecionadas a capricho e realizadas, com método e aplicação, nas horas de lazer; o retorno à “cara terrinha” em 1910, a fim de participar de empreendimentos de engenharia que o Governo do Estado pretendia efetivar, cabendo-lhe os estudos e os projetos da Estrada da Chapada; o regresso ao Rio de Janeiro em 1911, empenhando-se em trabalhos de construção ferroviária diversos durante o quadriênio seguinte; novo período em Cuiabá de 1915 a 1926, classificado por ele mesmo de “temporada fecunda”, para atender a dois convites, um oficial, do Presidente do Estado, Gen. Caetano de Albuquerque, para dirigir a Repartição de Terras, e outro particular de seu Pai, para participar de sociedade agrícola pastoril na Usina Conceição, que pretendia adquirir; retorno ao Rio de Janeiro, onde fixaria residência definitiva após breve estada em Mogi da Cruzes-SP, quando prestou serviços de engenharia na “Comissão de Obras Novas para o Abastecimento d’Água de São Paulo” e ainda em Cuiabá, a convite do Interventor da Revolução de 30, Cel. Antonino Mena Gonçalves para exercer o cargo de Secretário-Geral.

Desses marcos sugestivos de sua vida, focalizarei de modo especial os

anos vividos por meu Pai em sua “temporada fecunda” em Cuiabá e as décadas seguintes no Rio de Janeiro, ressaltando os serviços prestados ao Estado, quer como integrante do Governo, quer quando fora dele, na maior parte do tempo.

O convite do Presidente do Estado para a Repartição de Terras não vingou, pois seus próprios amigos e correligionários obstaram a nomeação do familiar chefe oposicionista.

Rumou então para a vida rural em Baía das Pombas, Borireu e Piquiri, onde o “doublé” de engenheiros e novel fazendeiro arrastou o desconforto e as asperezas de invias paragens, palmilhadas pelos índios bororos, não somente no dia-a-dia da labuta pecuária, como, principalmente, na abertura de estrada boiadeira que, rompendo a mata temida, reduziu distâncias e interligasse os núcleos colonizadores do latifúndio, dando acesso a pastagens promissoras, legando-a “*aos futuros usuários que mal suspeitariam os sacrifícios que arrostaram os promotores da ligação, melhoramento que permitiu melhor utilização dos pantanais antes despovoados*”, como registrou posteriormente.

Mesmo com lucros aceitáveis, a sociedade pastoril foi liquidada em 1918, regressando VIRGÍLIO CORRÊA FILHO a Cuiabá, que então vivia sob a égide da conciliação e pacificação da família mato-grossense, propiciada pelo pacto político acertado entre o Partido Republicano Conservador e o Partido Republicano Mato-grossense, que elegeram para Presidente do Estado, D. Aquino Corrêa, então Bispo titular de Prusíade e Auxiliar da Arquidiocese de Cuiabá.

Nomeado professor do Liceu Cuiabano e logo depois na Escola Normal, consolidou suas credenciais de cultura e caráter, que muito contribuíram para que fosse incumbido por D. Aquino de elaborar a monografia “Mato Grosso” para comemorar o centenário da Independência do Brasil.

Entusiasmado com a tarefa, dedicou-se de corpo e alma para chegar a bom termo com sucesso integral, o que certamente influiu para sua nomeação para chefiar a Diretoria de Terras, cargo que lhe fora negado em 1915 pela politicagem; seu extremado amor ao trabalho, evidenciado neste última função, aumentou em muito seu conceito entre os conterrâneos que, por isso, bem acolheram sua escolha para a Secretaria de Finanças e depois Secretaria-Geral, em meio a momentosa crise política e econômica.

Estimulado pelo êxito obtido naquela sua primeira obra de fôlego, que se constituiu, de fato, na eclosão do escritor, historiador e geógrafo, VIRGÍLIO CORRÊA FILHO elaborou, nos anos seguintes, gratuitamente, outros ensaios referentes às coisas do Estado, valendo-se de pesquisas realizadas para facilitar o desempenho do

cargo, o que lhe grangeou a consagração, em definitivo, entre seus contemporâneos.

Por isso, com razão, qualificou de “temporada fecunda”, como já referi, os anos passados em Cuiabá, quando deu a lume, além de “Mato Grosso” - a monografia do Centenário revista e aumentada -, as “Raias de Mato Grosso” 4 volumes; “Notas à Margem”, “Monografias Cuiabanas”, 6 volumes com os títulos “Questões de Ensino”, “Evolução do Erário”, “A cata de ouro e diamantes”, “À sombra dos ervais mato-grossenses”, “Indústrias mato-grossenses” e “A propósito do boi pantaneiro”, tornando assim a Terra e a Gente de Mato Grosso melhor conhecidas, inclusive por seu próprio povo, além de preservar, em plenitude, a Memória do Estado para as gerações porvindouras.

Nos cargos públicos que exerceu, mais como administrador escrupuloso e de enexcedível desvelo pelas coisas públicas, do que como político, exceleu a defesa do erário sobrecarregado de dívidas, gerando ou cumprindo exemplarmente as diretrizes presidenciais que visavam superar a grave crise econômica, saneando as finanças e restabelecendo o crédito, a fim de possibilitar, em seguida, a realização dos melhoramentos de que o Estado necessitava para se desenvolver, como escolas, pontes e estradas.

O zelo, a vigilância e o rigor aplicados no campo econômico-financeiro não foram menores na defesa do patrimônio do Estado, de que é exemplo a Questão Antonina, que gorava em torno da posse de amplas terras englobando a totalidade do município de Ponta-Porã, e grande parte dos de Bela Vista, Nioaque e Miranda, “*numa extensão sem dúvida muitíssimo superior a 25.000 quilômetros quadrados, na qual hoje (1924) florescem várias cidades como Bela Vista e Ponta Porã, e vilas e povoados como Nhuverá, União, Dourados, Entre-Rios e onde se acham instaladas centenas de propriedades agrícolas de particulares, progridem múltiplas indústrias, desenvolvendo-se fontes de riqueza*”. De igual valia foi sua contribuição para equacionar e solucionar o litígio fronteiriço com Goiás, que pretendia, unilateralmente, ampliar suas fronteiras de modo a englobar “*parte dos municípios de Coxim, Araguaia, Santa Rita, Sant’Ana do Paranaíba e Três lagoas, ao mesmo tempo que fazia concessões de datas minerais na região do Rio das Garças, tributário da margem esquerda do Araguaia, por tantas vezes já reconhecido pelo Governo de Goiás, como pertencentes a Mato Grosso*”.

Fixando-se a partir de 1926 predominantemente no Rio de Janeiro, nem por isso desligou-se do Estado natal, mas, ao contrário, manteve-o vivo em seu coração e em sua mente, o que deixou transparecer em inúmeros de seus trabalhos, não somente os polêmicos, como que se defendeu das agressões de maléfico adversário: “*Em legítima defesa*”, “*Versatilidade Presidencial*”, “*Depenando uma gralha*”.

empavonada”, “*O Siamês da gralha empavonada*”, “*O detrator oficial*” e “*Relendo a mensagem*”, como também os que lembraram vultos matogrossenses, como Luís de Albuquerque, Leverger, Pedro Celestino e Joaquim Murtinho; os que versaram sobre sua história, como “*A República em Mato Grosso*”, “*Evolução histórica de Mato Grosso*”, “*Mato Grosso - seu devassamento e ocupação*”, “*História de Mato Grosso*”, “*Fundação de Vila Bela*”, “*Fundação de Cuiabá*” ou sobre sua geografia, como “*Impressões de Campo Grande*”, “*A rede rodoviária de Mato Grosso*”, “*A estrada de ferro para Cuiabá*”, “*Pantanaís Mato-grossenses*”, “*Reverendo Cuiabá*”, “*Geógrafos em Cuiabá*”, e muitos outros em que discorreu sobre os mais variados temas lavrados por sua inteligência privilegiada nos filões infintos de sua cultura e de sua paixão irresistível pela pesquisa que lhe saciasse a sede de saber.

Assim é que seus trabalhos publicados somam quase três centenas, sem contar mais de seis centenas de artigos semanais escritos durante cerca de três décadas para o “*Jornal do Comércio*”.

Com freqüência prestou assessoria gratuita aos governos do Estado que se sucediam, que o procuravam certos de sua competência e lisura, seja para representá-los em congressos, seja para estudar, opinar ou aconselhar relativamente a assuntos relevantes, como aconteceu com o litígio fronteiriço entre Goiás e Mato Grosso, pendenga antiga, bem conhecida de VIRGÍLIO CORRÊA FILHO, que em seu livro “*Raias de Mato Grosso*” escrevera sobre o que pesquisara, servindo-lhe de base para seus argumentos aos representantes goianos.

Ressalto o fato da colaboração desinteressada, nem por isso menos dedicada, já que nos tempos que se seguiram, como nos de hoje, o vezo é bem diferente, prenhe de regalias e vantagens exageradas. Que pena não ter se enraizado e formado tradição o exemplo[dado, do cidadão mais contribuir em benefício da coletividade, do Estado, do que este se exaurir para atender aos reclamos, até desmedidos, daquele.

Convicto estou, ao concluir estas recordações, que VIRGÍLIO CORRÊA FILHO foi um devotado defensor dos interesses e ideais de Mato Grosso. Interesses porque, no exercício da função pública ou fora dela, primou por preservar seu patromônio territorial, ameaçado de abulhos injustificáveis, contribuiu com medidas austeras para o saneamento das finanças do Estado abaladas por grave crise econômica, deu a lume quase um milhar de trabalhos em que Mato Grosso foi na maior parte das vezes o tema principal e predileto, tornando-o assim mais conhecido dentro e fora de suas raias e preservando sua Memória para as gerações vindouras.

Ideais, porque logrou consagrar-se como cidadão ímpoluto e servidor dedicado à causa pública, agindo sempre com destemor, renúncia e probidade, inspirando-se amiúde na legenda do brasão d’armas de seu Estado natal: “*Virtute plusquem auro*”.